

<p style="text-align: center;">FAHIMTB</p> <div style="text-align: center;">  <p>ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL</p> </div> <p style="text-align: center;">AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA</p>	<h1>O TUIUTI</h1>	
<p>ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL</p>		
<p>200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN</p>		
<p>Ano 2012</p>	<p>Janeiro</p>	<p>Nº 06</p>

RETRATO DE UMA RENDIÇÃO (Carlos Fonttes – Del. AHIMTB – carlosfonttes@ibest.com.br)



(Rendição dos paraguaios em Uruguaiana – tela a óleo do autor – Acervo do 8º RCMec)

1. ANTECEDENTES

Para entendermos, no contexto da Guerra do Paraguai, a participação da cidade de Uruguaiana nessa “Grande Guerra” e de seus heróis que dela fizeram parte e após, a capitulação de uma grande força inimiga, é necessário que possamos contextualizar comentários a respeito da Guerra da Tríplice Aliança

(Brasil, Argentina e Uruguai), contra a tirania de Solano Lopes, governante do Paraguai (1862/1870). Temos o firme propósito de apenas analisar os feitos e fatos de nossos heróis do passado que permaneceram na história brasileira, particularmente nesta cidade de Uruguaiana, quando da capitulação de um de seus comandantes.

Como assertiva do presente trabalho, o fazemos com a intenção de analisar datas, nomes e fatos principais, não por mera curiosidade, mas sim, para que deles nos venham ensinamentos, que serão alento e coragem no futuro e, perpetuar, na própria história do município de Uruguaiana, os feitos que os nossos antepassados conquistaram. A própria efeméride cultural brasileira ainda hoje menciona erroneamente esse fato acontecido na cidade, durante a Guerra do Paraguai. Autores consagrados e até mesmo os livros editados pelo MEC, comentam da “Rendição DE Uruguaiana”, fato este veementemente contestado, pois vejamos: uma simples preposição nos coloca em situação deprimente, como se a rendição acontecida, fosse da cidade DE Uruguaiana e não EM Uruguaiana. Salientamos que, quando a cidade foi invadida pelas forças paraguaias do Ten. Cel. Antonio de La Cruz Estigarribia, (05Ago1865), a Vila estava completamente deserta. A população local, pelos rumores antecipados da guerra, havia se evadido para a cidade de Alegrete. E a única rendição realmente acontecida foi dessa força inimiga. Houve sim, após, uma retomada da Vila, que é o assunto a ser dissertado em capítulos adiante.



Quando Antonio Carlos Lopes (ao lado), Presidente do Paraguai veio a falecer (10/10/1862), seu filho, Francisco Solano Lopes, sucedeu-o no governo, em 16 de outubro de 1862. Nasceu ele em Assunção do Paraguai, em 24 de julho de 1827 e veio a falecer no Cerro-Corá em 1870. Educado na França, adquiriu um sistema militar prussiano, e possuindo ideologias napoleônicas, sentiu ser o momento para colocar em seu país suas idéias expansionistas, que haveriam de lhes trazer, um período de misérias e desolações. Ao retornar da Europa, em 1853, conhecera Elisa Alicia Lynch de Quatrefages, que apesar de ser casada com um oficial francês, foi sua companheira pelo resto da sua vida. Passando pelo Brasil, foi condecorado pelo Imperador com a Comenda da Ordem de Cristo.



Como o Paraguai não dispusesse de saída direta para o mar, o futuro ditador decidiu obtê-la às expensas do Brasil, da Argentina e do Uruguai, assim poderia alargar também o seu território. Já frustrado no seu intento de obter a mão da Princesa Izabel, aproveitou a questão acirrada entre o Brasil e o Uruguai, com Athanásio Cruz Aguirre do Partido Blanco, que era seu amigo, oferecendo-se para ser mediador entre ambos, sendo recusado pelo Brasil. Armou um grande Exército que em 1864, já contava com 64.000 homens e uma reserva de 28.000. Partiu, então, para a Guerra, pois estava realmente preparado. Lopes (ao lado) conseguiu auto-suficiência bélica e industrial para seu país. Na época, o Paraguai não necessitava de capital estrangeiro, já possuía grandes indústrias, exportando o fumo, tecidos e outros. Construiu a primeira ferrovia da América do Sul – Tinha um grande exemplo de economia que perturbava o interesse dos ingleses enquanto os outros países do nosso continente dependiam do capital Inglês, o Paraguai não necessitava. Contavam, aproximadamente, com 80 mil homens prontos para combate, no início da guerra.

A grande ofensiva paraguaia pegou o nosso país completamente despreparado, desfalcado e em condições desfavoráveis para enfrentar esse conflito bélico. Não existia o serviço militar obrigatório e a falta de reserva não nos permitiu a mobilização rápida com combatentes preparados para uma guerra. Estávamos saindo de um conflito com o Uruguai e nossas tropas desfalcadas e estropiadas achavam-se completamente inertes para um novo conflito ainda maior.

Com a invasão dos paraguaios no grande estado mato-grossense, sem nenhuma declaração de guerra, eles apreendem o navio brasileiro “Marquês de Olinda”, que havia zarpado do porto de Assunção, com o novo Presidente da Província de Mato Grosso, Cel. Frederico Carneiro de Campos, em 11 de novembro de 1864. Seis semanas depois invadiam Mato Grosso.

Lopes tinha a idéia de que *“só uma guerra poderia tornar conhecido o Paraguai. Sua ambição pessoal impedia-o à luta, pois sabia que poderia chamar às armas imediatamente todos os paraguaios e formar um numeroso exército, ao passo que os brasileiros precisariam de muito tempo para reforçar o seu; julgava ainda que eles não estariam dispostos a sustentar uma guerra prolongada. Dizia de si para si, que se não se aproveitasse daquela conjuntura para apresentar guerra ao Brasil, este poderia fazer-lhe em ocasião mais desfavorável para o Paraguai. Mandou por conseguinte, em locomotiva expressa, um dos seus Ajudantes a Assunção com ordem para que o Tacuarí (vapor mais rápido do Rio da Prata), alcançasse o Marquês de Olinda, que havia seguido viagem e o trouxesse a Assunção”* – escreveu Thompson .



Elisa Lynch

Em consequência dessa ofensiva, o Império Brasileiro criou os Corpos de Voluntários da Pátria (CVP), pelo Decreto nº. 3.371, de 7 de janeiro de 1865, aproveitando o grande entusiasmo e patriotismo dos brasileiros, em repressão àquela invasão. Mobilizou principalmente

os voluntários e a Guarda Nacional. E assim, durante a Guerra do Paraguai, as províncias da BA, Corte, PE, RJ, SP, RS, CE e MG contribuíram com o efetivo que atingiu o seguinte total:

- Voluntários da Pátria	37.828 combatentes;
- Guardas Nacionais	31.108 idem
- Voluntários e recrutas	17.465 idem
- Libertos (escravos).....	3.817 idem
SOMA:	90.218 combatentes

2. A GRANDE OFENSIVA:

INVASÃO DO RIO GRANDE DO SUL



Sua primeira grande ofensa aconteceu em 12 de novembro de 1864, quando os paraguaios apreenderam o Paquete “Marquês de Olinda”, que se dirigia à Província de Mato Grosso conduzindo o Presidente daquela Província. Nessa ocasião, segundo afirmativa de alguns historiadores, enquanto o Paraguai possuía um grande efetivo, o Brasil contava apenas com 36 mil soldados, mal fardados e despreparados.



Em vista de tais acontecimentos, foi assinado em Buenos Aires, a 1º de maio de 1865, o Tratado da Tríplice Aliança, firmado entre o Brasil, Argentina e Uruguai.

No Rio Grande do Sul, a horda paraguaia invasora veio a ter o seu fim quando de sua capitulação na Vila de Uruguaiana.

Solano Lopes fez marchar sobre as fronteiras do RS, um poderoso Corpo de Exército, de aproximadamente 11 mil homens, sob o Comando do

Ten. Cel. Antonio de La Cruz Estigarribia, que a 10 de junho invadia a Vila de São Borja, ocorrendo fortes combates com as forças do Cel João Manoel Menna Barreto. (Desenho acima).

Em 7 de julho de 1865, os paraguaios invadem a já deserta Vila de Itaqui, depois de saquear e incendiar as estâncias por onde cruzavam, o que era característica dessa força invasora e bárbara, destruindo o que encontravam no caminho e enviando para o Paraguai todo objeto de valor. Nas imediações do Ibicuí, devido às cheias daquele rio e com as suas pesadas carretas e canhões, retardou-se a marcha de aproximação, ao atravessar o rio no Passo de Santa Maria, tendo sido construída uma passagem de pedras no Touro Passo e, após atravessar o velho Imbaá, tomou a tropa paraguaia a direção da Vila de Uruguaiana.

O Brigadeiro Davi Canabarro, naquela época, exercia a função de Comandante de duas Divisões, que tinha a missão de vigilância das fronteiras das missões a Quarai, fora muito criticado, por facilitar a invasão, sendo, inclusive, submetido a Conselho de Guerra, posteriormente foi inocentado. Porém, antes da invasão de Uruguaiana, determinou que fossem feitas fortificações na vila, sendo, mais tarde, inutilizadas por tornarem-se obsoletas.

O Comandante da guarnição militar em Uruguaiana, Capitão de Artilharia Joaquim Antonio Xavier do Vale (que se envolveu também em Conselho de Guerra), em vista da grande força que se aproximava, preparou um pequeno contingente de 300 homens, incluindo voluntários da localidade, e o Tenente de Artilharia Floriano Peixoto, que se encontrava servindo nesta localidade, no comando da 7ª Companhia do 6º Batalhão de Infantaria, desde dezembro de 1864, trabalhando nas citadas fortificações, juntamente com o Capitão de Fragata Pereira Lombo, organizaram logo a seguir, uma pequena Flotilha, para hostilizar o inimigo no Rio Uruguai.

- *Imagens da obra "Cartas dos campos de batalha do Paraguai" BIBLIEx/1997 (de Sir. Richard F. Burton, com as reproduções do Artista Miranda Júnior):*



(Dom Pedro II)



(D. Bartolomeu Mitre – Pres. Rep. Argentina)



(Dom Venâncio Flores – Pres. Provisório do Uruguai)



(Marquês de Caxias)



(Conde D'EU)



(Mar. Osorio)



(Ten. Cel. Antonio de La Cruz Estigarribia)



(Brigadeiro Andrade Neves
Barão do Triunfo – desenho do autor)



(Major Pedro Duarte)

3. SITUAÇÃO DEFENSIVA EM URUGUAIANA

Ao dar início à "marcha de aproximação" do inimigo no Rio Grande do Sul, o Presidente desta Província, Dr. João Marcelino de Souza Gonzáles, convocou às armas, imediatamente, a Guarda Nacional, mobilizando-a e dando constituição às Brigadas e Divisões.

Formara-se, em Uruguaiana o 4º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, sob o Comando do Ten. Cel. Olivério Francisco Pereira. Mais tarde este Batalhão foi incluído na 1ª Divisão Ligeira do Brigadeiro Honorário Davi Canabarro, permanecendo na Vila como tropa de guarnição, até a véspera dessa localidade ser atingida pela coluna paraguaia. Às 17h, do dia 3 de agosto de 1865, a 2ª Brigada,

por ordem do Brigadeiro Canabarro, marcha para Uruguaiana, a fim de proteger a retirada do 4º Batalhão.

O inimigo, desde as 10h do dia 5 de agosto (domingo), com um Exército de 7.300 homens, comandados pelo Ten Cel Estigarríbia, encontrava-se instalado nas imediações da Vila, após haver talado os campos, saqueado vilas e incendiado estâncias, desde a sua invasão ao território gaúcho, pelo Passo de São Borja e Itaquí. Esse Exército estava constituído por seis Batalhões de Infantaria, três Regimentos de Cavalaria e um Esquadrão de Artilharia, mais o Estado-Maior, remadores e condutores.

O 4º Batalhão de Infantaria, após a rendição dos paraguaios em Uruguaiana, passou a fazer parte do 49º Corpo de Voluntários da Pátria, conforme determinação de Caxias, em Ordem do Dia nº 20, de 2 de janeiro de 1867 e seus elementos, mais tarde, figuraram no 55º Corpo de Voluntários da Pátria, ainda sob o Comando do Ten. Cel. Olivério. Durante a campanha no Paraguai, esteve esse Corpo sob o Comando do Major em Comissão Pedro Alves de Alencar.

Façamos um pequeno resumo sobre esse glorioso Batalhão de Voluntários, que tinha em suas fileiras elementos de Uruguaiana, e que grande parte destes elementos figurou nessa campanha:

Pelo Decreto de 28 de julho de 1869, o 55º Corpo de Voluntários da Pátria, por estar desfalcado, foi dissolvido e seus oficiais e praças foram incorporados ao efetivo do 39º Corpo de Voluntários da Pátria. A narração do historiador Paulo de Queiroz Duarte, em sua magnífica obra "Os Voluntários da Pátria na guerra do Paraguai" – 3º Vol., tomo IV, nos informa que, ao ser dissolvido o 55º CVP, oriundo de Uruguaiana, o Governo Imperial contemplou com a Medalha do Mérito Militar, por bravura, os seguintes oficiais e praças, pelos serviços prestados durante o combate da Batalha do Avaí. (Decreto nº. 4.131, de 28 de março de 1869):

- Major Manoel Antonio Rodrigues Júnior; Capitães Jacques Henriques de Simoni; André Xavier Viana Junior e Marciano Rodrigues Ramos; Tenente Ajudante Francisco Martins Codorniz Junior; Tenente José Alexandre Simões Pires; Faustino Luis da Silva e Hildebrando Peres Coimbra; Tenentes José Jorge da Silva Guimarães, Belmiro Vicente de Araújo Campos e Adrião Antonio de Abreu; Alferes Justo Antonio Ferreira de Souza, Francisco das Chagas Figueiredo, Olímpio Luis Gonçalves de Noronha e José Ribeiro da Silva Pessoa e Alferes Quartel-mestre Alexandre Pereira Garcia.

Eles fizeram parte do 55º Corpo de Voluntários, onde tomaram parte brilhante no combate do Laranjal de Guaiavi, na manhã de 30 de julho de 1867, sob o comando do Ten. Cel. Olivério Francisco Pereira. Osório, em sua Parte sobre a ação daqueles bravos, assim se manifestou:

"... que o antigo Corpo de Uruguaiana fizera tão rápida e custosa marcha para acompanhar a 2ª Divisão de Cavalaria, em cuja esteira avançou, que lhe havia causado surpresa, tanto mais que suas praças não estavam acostumadas a marchar a pé, carregando seu equipamento".

A obra "Dicionário das Batalhas Brasileiras", BIBLIEx/2001, de Hernani Donato, nos faz referência sobre esse combate, quando nossas forças se encontravam acampadas com os aliados em Tuiú-Cuê, e foram repentinamente surpreendidos pelo inimigo formado por duas colunas de cavalaria e infantaria que se aproximavam, entre os laranjais de Guaiavi, ao Comando de Rolón e Media. O General Osorio ordena uma contra-ofensiva, iniciando pela artilharia e cortina de atiradores. Andrade Neves e José Luiz Menna Barreto atacam os flancos do inimigo, que retrocederam, deixando no final desse combate, 102 mortos e prisioneiros, três estativas de foguetes, armas e cavalos. Dos nossos, tivemos 32, entre mortos e feridos. Voltamos ao cerco de Uruguaiana:

No decurso de sua ofensiva ao sul, a força de Solano Lopes, ao Comando do Ten. Cel. Estigarríbia, não havia uma boa defesa fluvial; tudo teve que ser improvisado, até mesmo pelos "meios de fortuna". Havia grande dificuldade do nosso Exército em se deslocar à longas distâncias. Talvez esteja aí, um dos fatos em ter o Gen. Davi Canabarro, como Comandante de fronteiras e missões, do não ter feito bloqueio naval suficiente para impedir essa força inimiga de transpor nossos rios.

Em 7 de julho a força invasora tomava a cidade de Itaquí, com saque e destruição. Não tínhamos condições suficientes e organizadas para fazer frente à invasão, embora tenha havido pequenos engajamentos em forma de guerrilhas que acoassavam os flancos e retaguarda dos paraguaios, quando esses se desgarravam de seus batalhões, em busca de gado para abastecer suas tropas.

Itaqui foi também palco de saque e destruição. A força inimiga chegou a ser interceptada nos banhados do Butuí pelo Cel. Antonio Fernandes Lima, onde se destacaram os brasileiros Alferes José Félix de Oliveira Barreto e Manoel dos Santos Pedroso, comandados pelo Ten. Cel. João Antônio Freitas de Oliveira e Manoel José Soares. Nesse combate perdemos 40 combatentes e ficaram feridos 118.

Em 7 de julho daquele ano, a horda paraguaia toma posse de Itaqui. Confirmamos esse acontecimento na obra "Invasão Paraguai", do Cônego João Pedro Gay, comentado e revisado pelo Major Souza Docca, com reedição em 1980, que nos disserta o seguinte:

"...os paraguaios procederam ao saque de Itaqui da mesma maneira que tinham procedido ao saque de São Borja e, como tenho me estendido bastante sobre o saque daquela última cidade, julgo desnecessário estender-me para descrever o desta.



No avanço de Estigarríbia para Uruguaiana, suas forças permaneceram por cinco dias nas barrancas do Rio Ibicuí, devido às cheias do Rio Uruguai, até que se construísse "pontes de circunstâncias". Nesse ínterim, surge a figura do futuro "Marechal de Ferro", o 1º Ten. Floriano Vieira Peixoto que, mais tarde, foi Vice Presidente e segundo Presidente do Brasil (23/11/1891 a 15/11/1894), na renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca. (República velha).

Embora Floriano Peixoto pertencesse à Arma de Artilharia, teve destaque inigualável nos combates fluvial e na defesa do Rio Uruguai. (Foto ao lado, como 1º tenente – desenho do autor).

Encontrava-se Floriano Peixoto servindo em Uruguaiana, no 6º Batalhão de Infantaria (sic), onde comandava a 7ª Companhia, desde dezembro de 1864, com a missão de executar fortificações na vila. Com a aproximação do inimigo, essas fortificações se tornaram obsoletas, sendo reaproveitadas pelos paraguaios. Por ordem de David Canabarro, o jovem Ten. Floriano Peixoto com a "Flotilha do Uruguai", assim denominada, passa a fazer escaramuças e inquietando Estigarríbia no Ibicuí, conforme narra o Gen. Tasso Fragoso:

"Nesse período, muito o inquietou a presença, anunciada pelo Major Duarte, de um pequeno vapor armado em guerra, que policiava desde algum tempo as águas do rio, obstando à entrada das canoas no Toropasso e às comunicações entre as duas colunas." (de Estigarríbia pela fronteira do Brasil e do Major Duarte, pela fronteira da Argentina – grifo do autor). "Canabarro, no meio de seus erros, teve a feliz idéia de transformar o pequeno vapor "Uruguai", da navegação fluvial, em aviso de guerra, e de associar-lhe 2 lanchões: "São João" e "Garibaldi". Postos sob o comando do então 1º tenente Floriano Peixoto, convenientemente artilhadas, estavam sendo empregados para policiar a navegação e cortar as comunicações dos paraguaios. "O Uruguai" estreou metendo a pique várias canoas e tomando outras no dia 31 de julho e 1 e 2 de agosto." (Na embocadura do Rio Uruguai com o Touro Passo – grifo do autor).

Após tomar Restauracion (Paso de Los Libres – Argentina), em 2 de agosto de 1865, pelo Major Pedro Duarte, Estigarríbia toma Uruguaiana em 5 de agosto, encontrando-a praticamente deserta.

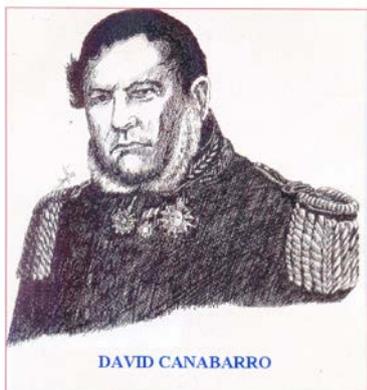
Com as cheias do Rio Uruguai, chega a Uruguaiana, o Capitão-de-Fragata, Alberto José Pereira Lomba, em 21 de agosto, com dois vapores, o "Taquari" e "Tramandaí" rebocando duas chatas, que vieram se juntar à Flotilha do Ten. Floriano Peixoto e que muito contribuíram para impedir ligações, através do rio, com as forças opressoras. Com a derrota do Major Pedro Duarte em Restauracion, (17 agosto, na localidade de Yataí), o Almirante Tamandaré – Joaquim Marques Lisboa, chega a Uruguaiana em 31 de agosto, a bordo do vapor "Iniciador", onde conferencia com os generais aliados.

Embora tenha respondido a Conselho de Guerra na época, o Brigadeiro David Canabarro estava certo, como bom estrategista, em sua tática militar: atrair o inimigo e depois isolá-lo, cortando suas linhas de comunicações e abastecimento e ganhando tempo para que a Tríplice Aliança se organizasse.

Por ordem de Davi Canabarro, foi determinado não oferecer resistência ao invasor, sendo a Vila evacuada, principalmente para Alegrete, enquanto se aguardava reforços.

Há controvérsia a respeito das ordens do Brigadeiro Davi Canabarro, quanto aos erros porventura cometidos, por não ter tentado uma contra-ofensiva e nem ter retirado, da via de acesso

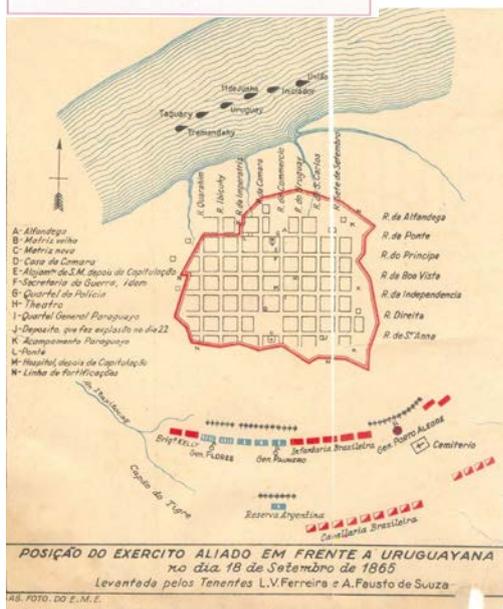
utilizada pelo inimigo, tudo que lhe pudesse servir, bem como em abandonar Uruguaiana à própria sorte. Já o historiador J.B. Magalhães, em sua obra "Osorio – Síntese de seu perfil histórico" esclarece que:



DAVID CANABARRO

"...o velho Canabarro havia sido de fato brutalmente injustiçado. Quiseram responsabilizá-lo por não haver barrado o caminho de Estigarribia, quando essa responsabilidade cabia inteira aos descuidos dos que governam". Diz ainda esse brilhante historiador que Canabarro, dispendo apenas de uma Cavalaria improvisada, mal fardada, equipada e armada, jamais poderia deter seis mil infantes aprestados para a luta. Tendo sido julgado, foi absolvido. Nem poderia ser de outro modo, e tanto mais que Osorio, ao saber dessa ocorrência, "fuma de raiva", no pitoresco dizer de Almeida Rosa. Osorio justifica plenamente a conduta de Canabarro. Chama a si responsabilidade do procedimento de Canabarro, dizendo que este agiu de acordo com ele".

(Mapa reconstituído do cerco da Tríplice Aliança, na Vila de Uruguaiana, pelo autor, da obra "História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai – do Gen. Augusto Tasso Fragoso – EME/1934)



POSIÇÃO DO EXERCITO ALIADO EM FRENTE A URUGUAYANA no dia 18 de Setembro de 1865. Levantada pelos Tenentes L.V.Ferreira e A.Fausto de Souza

No domingo do dia 5 de agosto, a coluna paraguaia avança sobre a vila indefesa, tendo cruzado o arroio Imbaá dois dias antes. Essa força, ao atingir a povoação, marco meridional daquela tão estúpida ação militar, estava disposta em três colunas, deslocando-se a parte de Artilharia e os Trens de bagagem no centro do dispositivo.

Enquanto a força militar de Estigarribia fazia a travessia nos rios Ibicui e Touro Passo, depois de invadir São Borja e Itaqui, Bento Martins, com sua pequena fração de Cavalaria, executava guerrilhas na vanguarda dessa tropa, com pequenos e ousados engajamentos. Já nas proximidades, entre o arroio do Salso de cima e a vila,

Bento Martins posicionou-se com sua tropa à frente do inimigo, para inquietá-lo. Sempre na vanguarda da tropa inimiga, entrou pelo lado norte da vila, (Rua Tiradentes), sofreu algumas baixas, embora lançasse um oficial paraguaio, e tivesse alguns soldados nossos capturados. Este, mais tarde, foram levados a uma coxilha fora da vila, onde foram degolados às vistas de nossas tropas.



(Ao lado, o Brigadeiro honorário do Exército, Bento Martins de Menezes – de uma foto após a guerra do Paraguai, em traje civil – Fototeca do Centro Cultural Dr. Pedro Marini – Uruguaiana)

Transcrito do diário do Ten. Cel. Antonio de La Cruz Estigarribia, esse fato, como Parte oficial enviada a Solano Lopes, justifica o mesmo que:

"...nos momentos de chegar aos subúrbios da vila, o Cap. Alvarenga (Diego), que comandava a guerrilha de vanguarda, entrou nela para perseguir alguns inimigos que ficavam dispersos pela rua, visto que por eles foi atacado; e depois de se ter defendido com denodo, caiu do cavalo e, aproveitando-se desta oportunidade, lhe fizeram duas feridas com lança, uma no peito, no lado direito e outra na mão do mesmo lado. As feridas não são gravidade, segundo a parte do cirurgião; e os soldados que o acompanhavam mataram nesse momento cinco inimigos, entre eles o mesmo que o feriu, que era um Alferes".

Era o dia 5 de agosto de 1865. O Cônego João Pedro Gay, em sua obra "Invasão Paraguaia", relata o seguinte desse dia:

"Os paraguaios entraram em Uruguaiana e encontraram mui poucas famílias, e essas eram todas

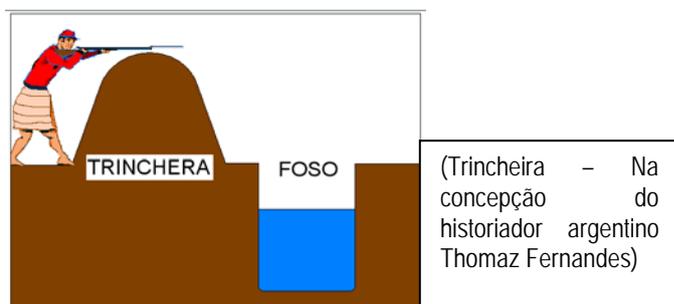
estrangeiras. Não tiveram maior respeito com elas do que com as famílias que encontraram em São Borja e em Itaqui. Primeiramente, saquearam as casas dos ausentes, tanto brasileiros como estrangeiros, tanto particulares como edifícios públicos e casas de comércio. E durante o apertado sítio a que foram reduzidos, quando lhes faltaram os recursos nas casas dos ausentes, os foram procurar onde se achavam. E, finalmente, quando poucos dias antes de sua rendição, consentiram que saíssem da vila as poucas famílias que tinham ficado dentro, a fim de lhes poupar as desgraças de um bombardeamento, os paraguaios se apoderaram de todos seus comestíveis e de todos seus interesses, levando com bem pouca exceções sua obra de destruição a todas as casas”.

Não imaginavam, porém, os paraguaios que, no momento em que davam vazão aos saques e destruições, bem próximas da vila estava sendo fortemente armado, no “Passo de Santana Velha” (primeiro marco de fundação da cidade), um Exército com reforços enviados pelo General Osorio.

Mediante ordens do Imperador Dom Pedro II, deslocou-se para o campo de batalha o Barão de Porto Alegre – mais tarde Conde com grandeza, o General Manoel Marques de Souza que, a 21 de agosto daquele ano, foi nomeado “General Chefe do Exército em Operações na Província do Rio Grande do Sul”, com todo o efetivo de 19.500 homens (conforme Arquivo Histórico do Exército), visando sitiá-lo o inimigo.

Na madrugada de 19 de agosto, o Ten. Cel. Estigarribia, sentindo o grande sítio que já o envolvia na vila, tentou romper a linha dos brasileiros por um caminho de retraimento, mas nada mais conseguiu do que ser empurrado para o interior da vila. Novamente os bravos de Bento Martins, com o seu 17º Regimento, entraram em ação. E assim, as tropas paraguaias permaneceram sitiadas por longos dias, até que, a 17 de setembro, daquele ano, os aliados, numa manobra formidável, sitiaram a vila por terra, enquanto o 1º Ten. Floriano Peixoto e o Capitão de Fragata Alberto José Pereira Lomba, tendo como ajuda as cheias do Rio Uruguai naquele dia, e reforçando uma flotilha, já mencionada neste, cortaram uma possível fuga de Estigarribia, pelo Rio Uruguai.

O inimigo, anteveendo a superioridade numérica de nossas forças, construiu, às pressas, uma ampla trincheira, (aproveitando as que já tinham sido feitas), demarcando, assim, todo o perímetro da localidade.



Devido à importância do fato, o próprio Imperador Dom Pedro II e integrantes da corte se encontravam presentes, tendo sido armada a barraca imperial, na chamada “Coxilha da Tríplice Aliança”, onde mais tarde foi erigido um monumento em homenagem à Tríplice Aliança, na sede atual do “CTG Sinuelo do Pago”.

(Ao lado, o imperador D Pedro II, com seu genro, o Duque de Saxe, no seu acampamento em Uruguaiana, em 1865 – Óleo de Vienot – encontra-se na cidade de Parati-RJ – Extraído da Revista “Semana Ilustrada” de 10/9/1865).

4. BATALHA DE JATAY

Quando uma coluna forte invadia São Borja em 10 de junho, uma outra, de menor efetivo descia a costa do Rio Uruguai, em território Argentino, ao comando do Major Pedro Duarte. Mitre resolve destacar a força do Gen. Venâncio Flores, que denominou-a de "Exército de Vanguarda", que pelo nome justificava a perseguição a essa força inimiga em avanço pelo território argentino, tendo ainda, o engajamento das tropas do Ten. Cel. Joaquim Coelho Kelly e um Regimento de Cavalaria Argentino de San Martin.



Gen. Joaquim Coelho Kelly)

Flores, progredindo pelo norte junta-se à coluna de Wenceslau Paunero (3.250 homens) que bateriam a coluna paraguaia. O Major Pedro Duarte, Comandante dessa força paraguaia, sabendo das intenções de Paunero e Flores, na eminência do combate e com inferioridade numérica, ocupam uma posição defensiva na encosta de uma coxilha que se estendia quase paralela ao Arroio Jatay que, juntamente com o "Despedida", banhavam a extremidade noroeste da pequena elevação. Escolhida a posição do "Umbucito" e contrariando "princípios táticos", o Major Duarte deixava em sua retaguarda os Arroios Despedida e Jatay e, finalmente o Rio Uruguai.

O General Venâncio Flores emprega uma forte carga de cavalaria a Duarte, obrigando-o a retrain-se para seu próprio acampamento, onde vem a ter um ponto final em outra carga, num largo movimento envolvente que cortou qualquer tentativa de fuga dos paraguaios. A luta desenvolveu-se nos alagados e pântanos, devido às fortes chuvas que caíram na véspera. Essa capitulação marcava 10h do dia 17 de agosto de 1865, numa quinta feira, onde ficou no campo de batalha 1.700 homens mortos da coluna invasora, 300 feridos e 1.200 prisioneiros, entre esses, o próprio Comandante, Major Pedro Duarte que, ferido, fora recolhido preso ao hospital da Vila de Paso de Los Libres.

Os aliados perderam 340 combatentes. Os brasileiros tiveram 19 mortos e 34 feridos. Enquanto se efetuava a batalha de Jatay, o Ten. Floriano Peixoto, com sua pequena flotilha, impedia qualquer ligação entre as forças sitiadas em Uruguaiana e do Major Pedro Duarte.

Após a vitória em Paso de Los Libres, na Batalha de Jatay, foi decidida a passagem do "Exército de Vanguarda" para Uruguaiana, que nessas alturas, as forças da Tríplice Aliança já sitiavam Estigarríbia e sua força paraguaia.



(Batalha de Jatay – 17 de agosto de 1865)

Na coleção sobre "Os voluntários da Pátria na guerra do Paraguai", do Gen. Paulo de Queiroz Duarte, nos esclarece, com



minúcias, a respeito dessa transposição de nossas tropas naquele dia:

"... Decidida a passagem, tornou-se necessária a transposição do rio Uruguai. Tamandaré, aproveitando a cheia ocasional do rio, despachou os navios Taquari e Tramandaí, que levaram a reboque duas chatas, formando uma esquadilha, sob o Comando do Cap. De Fragata, Vitório José Barbosa de Lomba. Uma das canhoneiras era comandada pelo nosso bravo Ten. do Exército, Floriano Peixoto, que assim transpuseram essa tropa..." (Acima, o Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz – desenho do autor)

5. A RETOMADA:

“O QUE CARACTERIZA A RENDIÇÃO DE UMA FORÇA A OUTRA, É O ATO PELO QUAL, O COMANDANTE VENCIDO, SE SUBMETE INCONDICIONALMENTE AO COMANDANTE VENCEDOR. (Prof Raul Pont)”

O inimigo, de posse da Vila, jamais poderia supor que há poucos quilômetros formava-se um poderoso Exército, nas margens do Rio Uruguai, acampando de frente do Passo de Santana Velha – marco inicial da povoação de Uruguaiana. Ali, entre o vale do Uruguai, das campinas verdejantes onde nasceram os primeiros povoeiros dessa cidade, uma tropa propiciava a crescer, vindos de todos os recantos da então Província do Rio Grande do Sul. Diariamente aquele contingente ia sendo engajado por mais tropas, inclusive peças de artilharia, onde, entre eles surgira o contingente que deu origem ao atual 22º GAC AP dessa cidade, os famosos “Boi de Botas”.

Na reunião dos grandes Exércitos que se agruparam naquelas imediações, trazemos, nas palavras do historiador uruguaiense, Urbano Lago Villela, o seguinte:

“... os paraguaios deixavam-se ficar em Uruguaiana, fazendo pequenas incursões pelas vizinhanças, arrebanhando algum gado para o abastecimento da tropa, que era vigiada de longe por pequenos piquetes de cavalaria que não deixavam transparecer ao inimigo as possibilidades de uma resistência efetiva.

No dia 16, à noite, depois dos preparativos indispensáveis, desloca-se o Corpo de Exército, comandados pelo Gen. João Frederico Caldwell, rumo à Uruguaiana, abandonando o acampamento em frente ao Passo de Santana Velha; marcham à frente as tropas de infantaria e artilharia: à retaguarda, fazendo a segurança das viaturas, marcha o Regimento de Cavalaria do Cel. Bento Martins de Menezes.

Este Exército improvisado em tão pouco tempo, graças ao espírito denodado e patriótico dos gaúchos de então, que viviam quase constantemente de armas na mão e acostumados às mobilizações rápidas que a vida desta campanha obrigava, ao clarear do dia 17 de setembro de 1865, encontrava-se estendido em frente à Vila de Uruguaiana, surpreendendo os paraguaios, que acostumados a não serem molestados haviam afrouxado o seu sistema de segurança.

Assim que Estigarribia percebeu que o Exército Brasileiro era superior em número à sua tropa, e que poderia ser, de um momento para outro tentar a retomada de Uruguaiana, mandou que fossem cavadas trincheiras e levantado paliçadas em todo o seu redor, pondo os soldados em inusitado alvoroço...”

O Comando da Tríplice Aliança em solo brasileiro, causou uma questão de ordem política entre as nações aliadas. Se não vejamos, na obra biográfica sobre o Conde de Porto Alegre – Manoel Marques de Souza, em que seus autores, TC Paranhos Antunes, TC Jaime Ribeiro da Graça e Carlos Maul nos questionam:

“... Quem deveria assumir a suprema chefia das Forças Aliadas que se defrontava com Estigarribia? Os uruguaios – Flores à frente, julgavam-se com todo o direito. Para os argentinos, Mitre deveria exercer o comando de todas as forças em operações. O império invocava o direito insofismável de chefiar as tropas aliadas em ação contra Estigarribia em território brasileiro. Em tão difícil situação, o Barão de Porto Alegre foi retirado da vida civil em que se achava para ser nomeado Comandante em Chefe do Exército em Operações no Rio Grande do Sul.



A chegada de Porto Alegre para assumir o posto que lhe fora confiado, provocou, no início, um pequeno incidente com Mitre e Flores...”

Mediante ordens do Imperador, deslocou-se o Barão de Porto Alegre (desenho ao lado do autor deste), e no dia 21 de agosto de 1865, foi nomeado Chefe do Exército em Operações na Província do Rio Grande do Sul, à frente da Vila de Uruguaiana, já sitiada, com todo o efetivo de aproximadamente 19.500 homens. (Arquivo

histórico do Exército – História militar do Brasil/2º Vol. do Gen. Pedro Cordolino F. de Azevedo), em cujas imediações as nossas forças se haviam reunidos para sitiar o inimigo.

Alarmado com as andanças dos acontecimentos no extremo sul do Império, D Pedro decidiu vir a Província do RGS, o que aconteceu, quando a 11 de setembro chegava ao acampamento diante da Vila de Uruguaiana, para uma maior animosidade da tropa. Ali se achavam, para recebê-lo, os Generais Mitre e Flores, respectivamente os Presidentes da República Argentina e do Uruguai; o Ministro da Guerra do Império, Ângelo Muniz da Silva Ferraz – mais tarde Barão de Uruguaiana; Ten. Gen. Conde de Porto Alegre e o Almirante Tamandaré. Acompanhavam o Imperador, em sua comitiva, como Ajudantes de campo, o Marechal Caxias e o Ten. Gen. Silva Cabral (Barão de Itapagipe). Houve uma grande formatura da tropa ao Imperador que, enaltecido entre aqueles combatentes, mencionou a grande vitória do Gen. Venâncio Flores no combate de Jatay, em proximidades de Paso de Los Libres, que assim cortou-se a ligação entre as tropas do Paraguai, ora sediadas na Vila de Uruguaiana.

Enquanto isso, com o cerco das tropas da Tríplice Aliança aos paraguaios na Vila, começava a dar certo resultado. Por parte de Estigarribia houve tentativa em furar o cerco, sendo combatidos pela cavalaria de Canabarro e pelo lado oeste, pelo Cel. Bento Martins de Menezes, que estabeleceram pânico nas forças inimigas. Obrigando-os o seu retorno às trincheiras que queriam abandonar. Mesmo assim, os paraguaios tentavam quase que diariamente furar o cerco, sem que para isso tivessem êxito, devido a vigilância constante das sentinelas avançadas. O Comandante paraguaio começava a sentir os sinais de moral baixo de sua tropa, motivado pelo longo cerco, porém, teimava em não se render.

A partir do dia 2 de setembro, já nossas tropas enviara propostas de rendição ao chefe paraguaio. Entre os primeiros parlamentares enviados ao mesmo, encontravam-se entre a Tríplice Aliança, oficiais paraguaios que faziam parte da Legião Paraguaia Liberal, que formavam junto às tropas argentinas, sendo composto por emigrantes do governo de Lopes (antilopistas). Evidência que se podia notar, aquela guerra não era feita contra a nação paraguaia e sim contra o ditador Solano Lopes.

O cerco da Vila se mantinha sem novidades. A força paraguaia, mostrando grande cansaço e abalo moral, parecia aguardar, inertes, o momento em que o Exército aliado, se dispusesse a cair sobre suas trincheiras para o combate. O estado de desânimo dessa tropa há 48 dias, deixava claras as privações que passavam naquele cerco.

Na manhã do dia 18 de setembro de 1865, após os paraguaios serem sitiados na vila, quando os raios do sol iluminaram as tropas da Tríplice Aliança, que se preparavam para uma marcha de aproximação à Vila, onde daria início ao combate. Ninguém faltou à chamada. Esse Exército formava uma linha côncava, mas sensivelmente paralela a direção geral do rio. Ao contrário do que era de se esperar, o antigo cemitério da vila, onde muitos anos mais tarde foi construído o Instituto Rio Grandense de Arroz – IRGA, não entrou no sistema defensivo do inimigo.

Toda a nossa artilharia estava em bateria, com 24 peças argentinas, 8 orientais e 28 brasileiras, segundo menciona o Cel. Augusto Fausto de Souza, em obra "Redenção de Uruguaiana", muitos anos mais tarde publicada. Ainda o mesmo autor, esclarece que, naquele memorável dia, quando tudo estava preparado para o combate, com o dispositivo pronto, o Conde de Porto Alegre, enviou seu Ajudante de Ordens, Cap. Manoel Antonio da Cruz Brilhante, com as condições impostas à rendição do Comandante paraguaio, concedendo-lhe o prazo de duas horas para sua capitulação ou romperiam fogo, ordenando o assalto à Vila.

Retornando a mesma, seu Ajudante de Ordens transmitiu que Estigarribia solicitara meia hora, por se achar em conselho e precisava de tempo. Nova reunião se fez junto a Tríplice Aliança em torno do Imperador que, conforme narração do Conde D'Eu, em sua obra "Viagem militar do Rio Grande do Sul", se encontrava em frente ao cemitério, entre os batalhões do Exército de Porto Alegre.

Aceitas as condições, oferece-se então, o Ministro da Guerra, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, mais tarde "Barão de Uruguaiana", (9/10/1866), para ir pessoalmente levar ao chefe inimigo as últimas condições impostas pelos aliados.

Acompanhado do Chefe do Estado Maior do Exército do Conde de Porto Alegre, General Caldwell, do Major Miguel Meireles e do Major Amaral, dirigem-se então, o Ministro às linhas fortificadas. Feita a declaração de viva voz pelo Ministro Brasileiro, Estigarribia pediu-lhe que formulasse por escrito, a fim de conferenciar com o seu Estado Maior. E, conforme narrações do Cel. Augusto Fausto de Souza, na obra citada neste:

"... E sendo trazido para esse lugar uma mesa, sobre ela foi escrita a nota e entregue a Estigarribia, que prometeu resolver com brevidade. Voltando em seguida Salvanac (Major secretário de Estigarribia), depositou nas mãos do Ministro brasileiro a declaração do Chefe inimigo, rendendo-se com a força a seu mando e pedindo a S. M. o Imperador do Brasil que fosse garante desse ajuste".

- Transcrevemos na íntegra essa declaração de Estigarribia:

"Commando da divisão paraguaya na vila sitiada da Uruguayana, 18 de setembro de 1865. O abaixo assignado acceita as proposições de S. Ex. o Ministro da Guerra e deseja unicamente que sua Majestade o Imperador do Brasil seja o melhor garante deste ajuste. A elle e a V. Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, submettendo-me às condições prescritas por V. Ex. O abaixo assignado espera que V.Ex. procederá imediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarnição – Antonio Estigarribia".



(Estigarribia em Uruguaiana – Concepção do historiador argentino Tomas Fernandes)

Enquanto isso, nossos cavalarianos, no afã de suas curiosidades e no desejo de verem de perto aqueles tão famosos inimigos, precipitaram-se na direção das trincheiras, por conta própria, quebrando até mesmo ordens superiores e de lá retornaram com soldados de Estigarribia na garupa de suas montarias. Pouco depois regressava o Ministro da Guerra, acompanhado do Comandante paraguaio, seus oficiais e o famoso Padre Duarte, que ao entregar o documento de capitulação ao Imperador, fazendo a entrega da espada de Estigarribia, aquele monarca presenteou-o com a referida espada, como recompensa aos serviços prestados naquele dia.



(Dispositivo da tropa da Tríplice Aliança – frente à Vila, próximos ao antigo Cemitério – óleo de Cândido Lopes - local hoje: imediações do Parcão).

Julgamos, pois que, do exposto nestas páginas que a história há de enaltecer, no momento que o Ten. Cel. Antonio de La Cruz Estigarribia, rendeu-se ao Ministro da Guerra do Brasil, parlamentar das forças ora sitiadas, e ao ser levado à presença do Imperador, conforme historiadores da época aqui referenciados, já era um prisioneiro das forças da Tríplice Aliança, pois o que deve caracterizar a rendição de uma força à outra, é o ato da aposição de assinaturas por quem de direito, no documento, pelo qual o comandante vencido se submete, incondicionalmente, ao comando vencedor.

Após a capitulação do Exército paraguaio, naquele memorável 18 de setembro de 1865, Uruguaiana, que tão atrevidamente fora depredada, apresentava-se aos olhos dos que retornaram, em completa ruína. O retorno dos moradores a seus lares era digno de lástima e desolação. Encontraram umas casas arrasadas e outras, tão estragadas que não podiam abrigar seus donos; ninguém achou seus móveis; as casas mais poupadas (eram poucas), não tinham portas nem janelas. Uruguaiana teria sido abandonada, se o governo Imperial não tivesse deixado, naquele local, uma forte guarnição e uma estação móvel. Essa, mais tarde, transferiu-se para Itaquí.

A despeito, ainda, dessa rendição paraguaia, de uma crônica do Prof. Raul Pont, intitulada "Retomada de Uruguaiana", achamos por justiça e dever, transcrevê-la na íntegra, pela riqueza de detalhes e da importância dos fatos narrados:

"O estancieiro Joaquim dos Santos Prado Lima, como Chefe de Milícias, organizara a retirada dos exilados, providenciando em carretas e outras carruagens, que demandavam ao interior. Exilavam-

se sem rumo certo, na direção da campanha, para o sul. Cavalarianos, tropeiros conduzindo pontas de gado, mulheres a cavalo, com crianças à garupa, carretas em grande número, com móveis e comestíveis. Todos buscavam afastar-se dos campos de luta, que por certo estava prestes a explodir. Era o triste êxodo da população da Vila que há dias buscavam abandonar seus bens e suas casas. Na Vila ficaram, entretanto, alguns poucos estrangeiros, que se apressavam a içarem as bandeiras de seus países, para serem identificadas pelo invasor.

Já há uma semana o Exército Aliado vinha estendendo o cerco, à medida que chegavam os reforços. No dia 11 de setembro, quando clareava a manhã e o sol já aparecia, para os lados do leste da Vila, na direção da hoje "Cidade Nova" (bairro), ouviam-se os clarins de vários Regimentos, anunciando a chegada e aproximação do Imperador, que havia chegado na noite anterior, depois de uma viagem de 56 dias a cavalo, com sua Guarda Imperial e seus oficiais, vindo do Paço do Rio de Janeiro. À primeira hora daquela manhã, 3 tiros de canhão de Artilharia da Brigada Kelly, eram disparados em homenagem à chegada de Dom Pedro .

Montado, logo percorreu ele as linhas aliadas, informando-se da situação, distribuindo ordens, estabelecendo comunicações com os estafetas, entre as diversas forças abivacadas algumas e já em barracas outras. Quando o Imperador chegava com sua imperial comitiva, nas proximidades do antigo cemitério da Vila, quase próximo ao local onde hoje está o obelisco, mais ou menos entre as quadras que compõem o antigo recinto da rede ferroviária Federal (hoje o "Parcão Dom Pedro II"), nossa artilharia saudava-o com a clássica salva de 21 tiros produzidos pelos primitivos canhões La Hitte, atrelados à juntas de bois e comandados pelos célebres "boi-de-botas", muitos pertencentes ao Regimento de Manoel Marques de Souza, ainda Barão, o terceiro Marques de Souza, cuja vanguarda contava com 14 peças armadas, cujos disparos foram seguidos pelos exércitos aliados. Esses se estendiam das proximidades do cemitério e da enfermaria velha, de chácara Demarchi (Vila Júlia), até a Coxilha que se estende à frente do antigo lugar chamado "Reduto do Maragato". (hoje está o portão de entrada do antigo Hospital de Guarnição de Uruguaiana).

Ao troarem nossos canhões, por primeira vez, nessas coxilhas desertas, um entusiasmo geral transmitiu-se aos sitiantes, que se sentiram mais seguros, cujos corações palpitarão jubilosos.

Cavalarianos a galope, se adiantaram, para receber a comitiva Imperial: Porto Alegre, Tamandaré, o Barão de Jacuí e outros mais. Logo chegava o Gen. Bartolomeu Mitre, acompanhado do Cel. Venceslau Paunero e seu Estado Maior, que haviam vadeado o rio uma semana antes, lá pelo vau de Santana Velha, provindos da Argentina. Foram apresentados os cumprimentos e entregavam suas credenciais, ao garboso Imperador que montava um lindo zaino negro, esscarceador, fazendo uma bela figura com um lindo pala de vicunha e chapéu de aba larga. O acompanhavam, seus genros, o Duque de Saxe e o Conde D'Eu e seus oficiais ajudantes de campo, o Marechal Cabral, o Almirante de Lamare, o Marquês de Caxias, também garbosamente montado; mais o cirurgião-mor da comitiva, Dr. Meireles.

Faziam as honras da Guarda Imperial, um luzidio piquete de lanceiros gaúchos, todos trazendo fitas nos chapéus. O Imperador inicia a revista às tropas. Começou com a Brigada Kelly, brasileira; seguida das cavalarias orientais "coloradas", de Venâncio Flores, logo seguiam as forças argentinas, sob o mando de Mitre e Paunero. Depois a infantaria brasileira e nas proximidades do cemitério velho, vinha a cavalaria de Manoel Marques de Souza, que também era composta de Artilharia. Como suportes à retaguarda, se estendiam na zona hoje ocupada pela escola do Premem, (João Fagundes), as reservas argentina, com 10 Peças de Artilharia; ao centro e à direita, à altura das atuais antenas da rádio Charrua, se alinhava a cavalaria brasileira, com 9 esquadrões cuja formação ia terminar ali pelos Engenhos de arroz. Uma retaguarda brasileira de 4 esquadrões de cavalaria.

Assume o comando da Praça o General João Frederico Caldwell. Esse General, tal como o descreve o Conde D'Eu, era de pequena estatura, oficial inglês contratado pelo nosso governo. Esse mercenarismo era comum à época. Caldwell não tinha o braço direito, perdido na guerra civil de 1835. Escrevia com a esquerda, com uma letra miudinha, tal como se constata em vários documentos. De uma energia e visão extraordinária, com grande poder de observação, dava suas ordens com emoção, que eram retransmitidas pelos clarins de cada grupo. Era seu Ajudante de Ordens, o Cap. Brilhante, que teve uma participação importante na ocasião da rendição. (mencionado anteriormente neste).

Caldwell, rodeado por seus oficiais representava muito bem a improvisação de nosso Exército. Vinha rodeado de oficiais, cuja indumentária tipicamente gaúcha emprestavam certo colorido ao grupo, pelos ponchos de diferentes cores.

Confundiam-se paisanos e militares, que se revejavam nas posições. Por toda parte transitavam gaúchos a disparada, em fogosos baguais, retransmitindo ordens de estafetas em estafetas. Outros levavam as mensagens ao Comando Imperial, que agora já se recolhera a sua barraca, já na altura da Coxilha, onde está o Bairro Santo Inácio, na sede do atual CTG Sinuelo do Pago. Nesse local, foi resolvida também, a questão "Christie", entre o Brasil e a Inglaterra e, para perpetuar aquele momento diplomático, em 23 de setembro de 1965, que foi a data protocolar, com iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguiana e o atual CTG Sinuelo do Pago, inauguravam o monumento que se encontra naquelas dependências, em homenagem a Tríplice Aliança e àquele fato histórico. (ver ilustração anterior).

A noite chovera muito e os campos estavam encharcados. Poços d'água brilhavam e se formavam regatos que desciam as coxilhas, em direção ao Uruguai. Na véspera, havia sido um domingo e na barraca Imperial, Dom Pedro e seus oficiais haviam assistido missa, rezada pelos dois capelães do Exército de Mitre e Flores. O nosso Cônego João Pedro Gay, não se havia encontrado, por estar assistindo a enfermos na enfermaria improvisada de campanha, abivacada nas proximidades da chácara da família Tellechea (imediações hoje da Vila Júlia).

Desde alguns dias os emissários trocavam papéis, com respostas enviadas por Antonio de La Cruz Estigarríbia, que não desejava render-se e havia pedido novo prazo. O General Caldwell enviou o Cap. Brillhante, com ordens determinantes para os inimigos, que relutavam em aceitar a rendição. O ultimato chega ao seu termo.

Essa troca de papéis se havia iniciado pela manhã, às 10h e já eram 12h. A última notificação determinava incondicionalmente a rendição às 4h da tarde, ou os sitiados seriam atacados. A ordem levada pelo Cap. Brillhante, determinava rendição ou se romperia fogo e se ordenaria o assalto às trincheiras.

No ângulo do fosso, exatamente onde está colocado hoje o obelisco, havia um lugar que dava acesso ao interior da vila sitiada. (foi colocado nas confluências das Av. Presidente Vargas e Flores da Cunha, esse obelisco, que demarca o aniversário do seu primeiro centenário, comemorado em 18 de setembro de 1965, e não o local de rendição – nota do autor deste). O Cap. Brillhante penetrou por essa entrada, portando uma bandeira branca, seguido por dois gaúchos. De dentro das barricadas, saíram um oficial paraguaio e duas ordenanças, para receberem os mensageiros. Desde então, toda a atenção se concentra nesse lado da vila, onde se agrupam outros oficiais e soldados. Alguns corriam em direção ao centro da povoação que nessa hora apresentava-se toda embandeirada com as cores paraguaias.

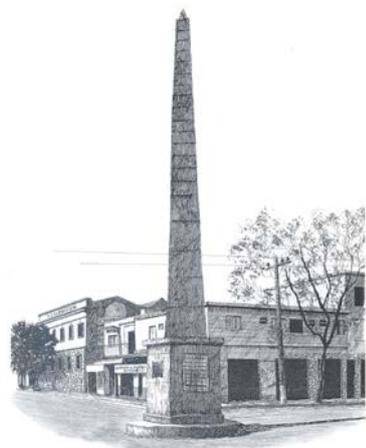
Do Estado Maior, o Gen. Caldwell, com seu único braço, manobrava o binóculo de alcance, procurando acompanhar seu Ajudante de Ordens, que penetrava na praça inimiga. Cerca das 13h (uma hora da tarde), já por expirar o prazo fatal, um próprio de Estigarríbia vem, à disparada, em direção ao Posto de Comando das trincheiras, pedindo que lhe concedessem mais meia hora para acertar condições finais da rendição.

Passado esse lapso, mais ou menos às 15h, os aliados entram em movimento e se inicia a concentração sobre as trincheiras, apertando o cerco (marcha de aproximação). Já marcham distribuídos em ordem de ataque (Ordem de Batalha). Alguns foguetes de cores diversas explodem no ar, sinais convencionais do ataque, de um código combinado, para que a artilharia acenda seus estopins.

Os canhões La Hitte, começam a serem carregados e assestados em posição de tiro. Notou-se entre a vila, grande movimentação de soldados e ouviu-se ruidosa gritaria, partindo de todas as direções, ao longo das trincheiras. Em completa desordem, alguns soldados saltam o fosso onde se entrincheiravam, jogam suas armas fora e correm em direção aos nossos pelotões. Os cavalarianos brasileiros que se aproximam das trincheiras, são assediados pelos guaranis, que lhes saltam à garupa. É um espetáculo inédito e surpreendente. Em todas as direções, lanceiros brasileiros e de outras armas,

carregam na garupa os paraguaios que se entregam, abandonando armas e bagagens. Eram 5.545 homens.

Sob estridente alarido e vozes em guarani, de todos os lados, seminus, aos magotes se entregam os paraguaios... Desesperadamente querem abandonar suas trincheiras. Muitos estão famintos. O Estado Maior se aproxima com muitas dificuldades ao local da rendição. Diante desse quadro, surge o próprio Estigarribia, que vem acompanhado do Padre Duarte, Capelão do Exército paraguaio e mais dois oficiais. Vem ao encontro dos nossos comandantes, dentre os quais avança o Ministro Ângelo Muniz da Silva Ferraz (último parlamentar que recebeu, do próprio punho de Estigarribia, a rendição oficial) e o Estado Maior dos aliados. O Cel. Estigarribia entrega sua espada ao Ministro Ferraz e este a conduz ao Imperador, que já se aproxima sem desmontar do cavalo. Estava retomada a Vila que fora refém da Pátria. Uruguaiana voltava a ser nossa. Eram 4h da tarde de 18 de setembro de 1865...".



(Ao lado, o marco que simboliza o centenário da Rendição paraguaia na cidade de Uruguaiana- desenho do autor).

Para que no futuro possamos complementar, sobre o conflitante período em que a cidade viveu, e seus defensores a consagraram, transcrevemos algumas correspondências a seguir, das quais se observa a presença constante de Bento Martins:

1. "Ordem do Corpo nº. 1, do Cap. Cmt Interino FRANCISCO MARTINEZ (?) CODORNIZ – informando relação de oficiais: "Quartel do Commando do Corpo nº. 3 da GN do Município de Uruguayana, 5 de agosto de 1864. Ordem ao Corpo nº. 1 – O Capitão Cmt. Inte. faz ciente a todas as praças do Corpo que hoje lhe foi entregue o Commando do mesmo conforme participara o Ilmo Sr. Comeu. João Guedes da Luz em officio datado de 2 do corrente mês, recebido hoje, por ter sido nomeado e achar-se commandando o 3º Corpo Provisório da GN que faz parte da Divisão de Observação. O mesmo officio cobria duas copias de officios do Exmo Sr. Brigadeiro Commandante Superior da GN da fronteira de Quaray sob nº. 82 e 84 aquelle de 20 e este de 30 tudo de julho ultimo, ordenando que sejam reunidas, mais vinte praças do Corpo para o completo do 3º Corpo provisório da GN, assim arma também que chame o Ten. Agregado Necinte Osorio Rodrigues, para substituir o Ten. João de Moraes Galena. E que os Ten. João de Moraes Palma, Brigido da Rosa Nery, dos Alferes Florentin D'Arriaga, João Marcelino Belo e Perceverando José Gularte, que se achão doentes apresentar quanto antes no Quartel General do Commando Superior, afim de serem inspecionados de saúde. Apresentou-se e acha-se pronto o Sr. Cap. Gabriel Martins de Menezes (irmão de Bento Martins), que se achava doente, passando a commandar a sua respectiva Companhia interinamente a 5ª Companhia o Sr. Alferes João da Câmara Canto. Antonio Francisco Martinez Codorniz – Cap. Cmt."

2. "Superior da Guarda Nacional de Livramento e Quaray. Quartel General em Santana do Livramento, 22 de fevereiro de 1865. Ilmo Sr. Confirmando-se CET o Sr. Brigadeiro Commandante Superior com a proposta de enviar oficiais, manda significar a VS que em outro officio desta data e sob nº. 121 submeter a aprovação do Governo da Provincia. Deos guarda a VS Ilmo Sr. Ten. Cel. Bento Martins de Menezes, Commandante interino do 17º Corpo Provisório de Cavalaria. Oliverio Francisco Pereira Major Ajudante d'ordem".

3. "Commando da 1ª Divisão Ligeira. Quartel General em Santana do Livramento, 27 de março de 1865. Ilmo Sr. Não tendo autorização para aceitar ou deixar de aceitar offercimento da ordem do que fez o coronel Oriental Santos Correa, cumpre-me significar a VSª uma resposta ao seu officio de 18 do corrente, que em outro desta data sob nº. 7, ocupa a atenção de SExª o Ilmo Coronel Commandante interino das armas, com esse assunto. Qualquer posse que seja o resultado que me venha, queira VSª dirigir desde já os meos agradecimentos aquelle chefe, pelo generoso offercimento de sua pessoa de empenhar contra a República do Paraguai. Deos guarde a VSª. David Canabarro, Brigadeiro. Ao Ilmo Sr. Tenente Coronel Bento Martins de Menezes. Cmt 17º Corpo Provisório".

4. *“Commando da Guarnição da Vila de Uruguayana. Acampamento volante junto ao Imbahá, 23 de agosto de 1865. Nº. 13 – RI 200 – Ilmo Sr. Tenho a honra de passar as mãos de VS, alusiva copia do officio que em data de 21 do corrente dirigi ao Exmº Sr. General Commandante da 1ª Divisão Ligeira, pedindo providencias para que pela Alfândega de Uruguayana seja entregue a quantia de oitocentos reaes para indenização de igual quantia que adiantamos para suprimento e despesas das tropas que se achão no trincheiramento da Vila de Uruguayana e da Esquadilha do Alto Uruguay. Deos guarde a VS. Sr. Tenente Coronel Bento Martins de Menezes, Commandante do 17º Corpo Provisório de Cavallaria da GN. Joaquim Antonio Xavier do Valle Maj. Senti”.*

5. *“Quartel General do Commando em Chefe na cidade de Alegrete, 25 de fevereiro de 1867. Ilmo Sr. Devera VSª informar com urgência a este commando que as autoridades orientaes tomarão alguma providencia contra o Major Gamboa pelo ferimento praticado no Alferes Francisco Porto, e bem assim quaes os motivos que entre aquelle Alferes e o dito Major oriental terão causa a esse facto de que VS trata no officio em que 30 de janeiro ultimo dirigido ao Brigadeiro David Canabarro e que por este me foi remetido. Deos guarde VSª. Ilmo Sr. Ten. Cel. Bento Martins de Menezes – Barão do Herval”.*

6. *“Commando da Fronteira de Quaray e da 1ª Divisão do Exército, em organização na Provincia. Quartel General em São Gregório, 20 de setembro de 1867. Ilmo Sr. Em virtude da deliberação do Exmº Sr. Barão do Herval Commandante em Chefe do Exército, não consinta VSª que fosse ao Estado Oriental o fardamento e armamento que mandou receber no Alegrete para a força que está reunindo com a qual marchará desde já, para aquella cidade e apresentar-se ao mesmo. Exmº Sr. Deos guarde a VSª. Ilmo Sr. Ten. Cel. Bento Martins de Menezes, encarregado da reunião no Departamento de Salto. David Canabarro – Brigadeiro.”*

7. De uma correspondência que ele recebeu durante a guerra: *“Ilmo e Exmª Sr. – Conforme ordenou-me V.Exª seguiu hoje pelas 5 horas da manhã do arroio Taquara com os corpos 13, 35 Artilharia a acampar no rio Iguassú. Depois de marchar mais três léguas fiz parar o 43 de infantaria que fazia a vanguarda afim de reunir não só a artilharia que se tinha atrazado como o 35 que fazia a rectaguarda, e logo que ahi chegou a artilharia ordenei ao 2º Tenente Malaquias José Netto que actualmente Commanda que fizesse alto e mandasse dar água e pasto as bestas até que se reunisse toda a força. O Capitão João Luiz Soares que se acha preso e suspenso por ordem de V.Exª do Commando da referida artilharia nada tendo precentemente com ella, fez seguir o supradito tenente declarando que nem elle, nem as suas peças alli ficarão desobedecendo formalmente não só elle como o 2º tenente Malaquias as minhas ordens. E sendo este procedimento contrario a disciplina, faço chegar ao conhecimento de VEXª que resolvera como entender. Deus guarde a VEXª. Acampamento no rio Iguassú 5 de março de 1870. Exmº Sr. Coronel Bento Martins de Menezes. Digno Commandante da Força Expedicionária ao norte do Paraguay. Antonio Martins de Amorim Rangel – Ten. Cel.”*

Após a rendição dos paraguaios, o Governo Imperial concedeu a todos que tomaram parte desse fato, uma Medalha comemorativa ao ato, criada pelo Dec.nº. 3.515, de 20 de setembro de 1865.

(N.A. Os textos acima foram compilados da obra de mesmo título do autor deste, ainda no prelo).

Texto do autor, ST Carlos Fonttes, acadêmico da AHIMTB, Delegado da mesma em Uruguaiana, Delegacia General Setembrino de Carvalho.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Delegado da AHIMTB/RS – Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara, Porto Alegre, RS
lecaminha@gmail.com